



A Igreja Paroquial de Mansores

MEMÓRIA POR OCASIÃO DO RESTAURO (2009-2010)

MANSORES 2012



A comunidade acompanhando o pároco, Pe. Manuel António Fernandes, no adro da Igreja na festa da comunhão solene. Cerca de 1950.



A Igreja
Paroquial
de Mansores

MEMÓRIA POR OCASIÃO DO RESTAURO (2009-2010)

MANSORES 2012



Título A IGREJA PAROQUIAL DE SANTA CRISTINA DE MANSORES
Memória por ocasião do restauro (2009-2010)

Organização Grupo Dinamizador das Obras de Restauro 2009-2010

Textos José António Rocha

Fotografias Mário Reis Portugal e Nuno Bruno

Tiragem 700

Local e data Mansores, 2012

Conceção Gráfica Clássica, Artes Gráficas, S.A. - Porto

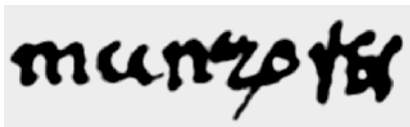
Depósito Legal 339573/12

ISBN 978-989-20-2823-1



A Paróquia de Santa Cristina de Mansores

Mansores, enquanto comunidade humana estabelecida em permanência numa parcela de território com limites estáveis, com nome e identidade próprios e ininterruptos, existe há cerca de mil anos. Estabeleceu-se durante a ocupação árabe, ainda antes da afirmação do reino de Portugal. E com a comunidade humana surgiu uma comunidade religiosa. Já em 1068 uma carta de doação menciona «in Manzores illo quinione integro de nostra matre sive in illa ecclesia Sancte Christine sive illa leigale»¹.



Topónimo «Manzores» em 1068.

Em termos administrativos e *civis*, a comunidade de Mansores foi desde as origens e até 1799 uma freguesia da Terra de Santa Maria, depois chamada *terra* ou *vila* da Feira. Em 1799 passou a integrar a vila de Oliveira de Azeméis. Em Abril de 1837 foi integrada no concelho de Fervedo, concelho esse extinto em Outubro de 1855, altura em que Mansores transitou para o concelho de Arouca.

Quanto à vinculação eclesiástica, o território correspondente a Mansores pertenceu inicialmente à diocese de Coimbra. A partir de 1120 transitou para a diocese do Porto. Nesta diocese integrava a circunscrição do arcediagado de Santa Maria, cujo nome mudou de configuração ao longo dos séculos. Desde 2008, a paróquia pertence à vigararia forânea de Arouca - Vale de Cambra da região pastoral Sul da diocese do Porto.

Embora nos séculos XI e XII se encontrem referências à «ecclesia Sancte Christine» e à «ecclesia de Mancores», durante alguns séculos a povoação de Mansores não constituiu uma paróquia autónoma, pois era uma parte da paróquia de Escariz, ao cuidado pastoral do clérigo de Escariz. Terá sido no século XV ou XVI que Mansores adquiriu o estatuto de paróquia, com igreja, pároco, livros de registo, etc. Mas este estatuto teve uma autonomia relativa; Mansores continuava na dependência eclesiástica de Escariz na medida em que era uma igreja ou freguesia (assim se chamava então à paróquia) anexa à de Escariz, da qual se dizia *curato*. Isto significava que o pároco de Escariz *apresentava* (isto é, designava)

¹ ANTT – OSB, S. Cristóvão de Rio Tinto, mç. 1, doc. 3.

o *cura* (título do clérigo responsável pela paróquia) de Mansores. Esta situação perdurou pelo menos até finais do século XVIII e, eventualmente, até às reformas do Liberalismo.

A povoação, embora pertencesse à diocese do Porto, integrava também os limites do senhorio religioso de um mosteiro, ao qual a população era obrigada a pagar tributos: até meados do século XVI, o mosteiro de Rio Tinto; após essa data e até ao Liberalismo, o mosteiro beneditino da Ave Maria do Porto.



A Igreja Paroquial: Construção e Restauros

A actual igreja paroquial de Mansores foi precedida por uma outra da qual não existem vestígios materiais.

Segundo as *Memórias Paroquiais* de 1758, «o orago, ou padroeira desta igreja e freguesia é Santa Cristina; tem quatro altares, o mor de Santa Cristina, os dois juntos ao arco um é da Senhora da Conceição, outro do Santo Nome de Jesus, um mais abaixo do Senhor Crucificado, não tem naves nem irmandades, por ser terra pobre»². Segundo um registo datado de 1769, a igreja seria à data «pequena e ordinária com 3 altares, capela-mor, sacristia, e campanário com sineta»³.

Quanto à datação da actual igreja, não nos é possível determinar, por agora, com exactidão, quando terá sido edificada. Há registos de que na segunda metade do século XIX sofreu intervenções de restauro e acrescento, mas desconhecemos que partes do templo são de data prévia a essas intervenções. De qualquer modo, é presumível que o actual edifício não remonte a data anterior ao século XVII.

Segundo um registo escrito do clérigo que paroquiava Mansores em 1861 – e porque nessa altura a igreja sofreu obras e ampliações – quando se fizeram essas obras,

«na parede que se demoliu do lado norte, encontraram-se pedaços de telha e calíça, indícios também de outro e daqui se pode concluir ser verdadeira a tradição do aparecimento de

² ANTT – *Memórias paroquiais*, vol. 22, nº 44.

³ *Informações da Comarca da Feira*. Apud BRANDÃO, Domingos de Pinho; LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha – *Arouca: Notas monográficas 1*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1991, p. 122.

Santa Cristina e da Pia Baptismal não como milagre (o que a Deus não era impossível) mas como descobrimento das ruínas de outra Igreja demolida ou abandonada por outros povos que aqui habitavam, e por estes indícios também se mostra a antiguidade desta freguesia, que antes de anexa à de Escariz fora freguesia independente e que a sua anexação fora motivada por alguma devastação ou guerra que reduzisse esta freguesia à miséria e extermínio de seus habitantes; os novos habitantes esquecidos, pela falta de tradição, do sítio da Igreja e freguesia, edificaram a Capela de Nossa Senhora do Rosário, no lugar da Vila, depois do ano de 1210, tempo em que apareceu a seita dos albigenses que foi combatida por S. Domingos e outros na Espanha, servindo-se da protecção de Nossa Senhora e com a invocação do seu Rosário, e esta capela serviu de Igreja e dali se administrava o Sagrado Viático, até que, no ano de 1518, entre o montado do carqueijal, no lugar de Juncido, encontraram a imagem de Santa Cristina e a Pia Baptismal e das ruínas de outra Igreja levantaram a actual com a invocação de Santa Cristina»⁴.

De acordo com um texto publicado por Simões Júnior,

«em 12 de Junho de 1861 foi lançada a primeira pedra para a reedificação e acréscimo da Igreja de Santa Cristina, sendo mestre pedreiro José Martins de S. Tiago de Riba Ul; apareceram pedras oitavadas, que pareciam colunas de outra Igreja e uma com a data de 1578 (...) [os] acréscimos limitaram-se ao frontispício e torre, mas depois o resto da Igreja começou a ameaçar a ruína pelo que em 10 de Julho de 1873 iniciaram a construção do restante e ao demolirem as paredes laterais, apareceram, no lado norte, dois lanços de escadas de quatro degraus cada um "feitas em pedras de feitura gótica, que denotavam terem servido de escadas do púlpito; nos alicerces das paredes que servia de sacristia dos mordomos, apareceram três sepulturas feitas na fraga de lousa, cobertas cada uma com uma pedra de lousa, cujas sepulturas denotavam serem antiquíssimas"»⁵.

A actual igreja nem sempre teve o mesmo aspecto e a mesma utilização dos seus espaços interiores e exteriores. Tomemos alguns exemplos:

- Tal como na maioria das povoações portuguesas, até que na segunda metade do século XIX se começaram a construir os cemitérios, os cadáveres eram enterrados dentro das igrejas e nos adros. Também na de Mansores o foram, como se testemunhou, aliás, quando das recentes obras de restauro.

⁴ SIMÕES JÚNIOR – Arouca: subsídios para a sua monografia: CLXXX. *Defesa de Arouca*. 21-2-1992, p. 10.

⁵ *Ibidem*.

- Segundo um registo escrito, «havia em Mançores uns costumes muito curiosos, como sejam: o de os baptizados não serem feitos na igreja e sim no adro, entrando-se no templo apenas para lançar a água ao baptizando»⁶.
- Até aos anos 60 do século XX o templo tinha apenas alguns bancos sem encosto, encostados às paredes laterais, pelo que durante as celebrações a maioria dos fiéis se sentava no chão; existia até essa época uma grade metálica no interior da igreja (situada à frente da porta lateral) a separar o espaço reservado aos homens jovens e adultos (à frente) do destinado às mulheres e crianças. Até essa mesma altura, mais concretamente o pós-Concílio Vaticano II, o sacerdote celebrava a eucaristia sobre o altar do Santíssimo Sacramento, portanto, voltado para o Sacrário e de costas para a comunidade.

Em 1961 as paredes interiores do templo foram revestidas com um lambril de azulejo, oferta dos seguintes beneméritos: Abílio Santos, Albino Martins, António Moreira, Arménio Araújo, Constantino Brandão, Elísio Amorim, Fernando Amorim, Luís Brandão, Manuel Martins e Salviano Oliveira. Também Augusto Guedes Castro Portugal colaborou nesta intervenção, tendo suportado pessoalmente o revestimento integral a azulejo das paredes do baptistério e a abertura aí de uma pequena janela para o exterior. Foi provavelmente por essa altura que também se fez o revestimento a azulejo da fachada principal e da torre.



Descrição Arquitectónica da Igreja⁷

O edifício tem planta longitudinal, composta por nave única, capela-mor e corpo rectangular de sacristia adossada à direita, a Sul, volumetricamente distintos, com coberturas diferenciadas em telhados de duas águas, aos quais se une, a Sul, também à direita, adossada à frontaria, torre sineira quadrangular coberta com coruchéu em pirâmide.

⁶ SIMÕES JÚNIOR – Arouca: subsídios para a sua monografia: CLXXXIII. *Defesa de Arouca*. 27-3-1992, p. 10.

⁷ Para esta descrição servimo-nos da ficha do Inventário do Património Arquitectónico relativa a esta igreja, acessível em www.monumentos.pt, e da obra GONÇALVES, Nogueira – *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Aveiro: zona de Nordeste*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1991, p. 90-91.

Tem fachada principal com embasamento, flanqueada por pilastras e com portal único de vão rectangular marcado por cantarias molduradas; janela do coro de sacada sobreposta ao portal, rectangular com verga recta, cornija pouco saliente; remata a composição, pequeno nicho com pilastras e arco redondo com pedra de fecho saliente sobre avançamento moldurado que se liga à janela do coro por duas cantarias curvas; empena rematada com cornija em ângulo, pináculo piramidal de remate em esfera sobre o cunhal esquerdo e cruz latina no vértice sobre pedestal.

Torre sineira de dois registos separados por cornija; embasamento e cunhais tratados com pilastras a que se sobrepõe, no remate do segundo registo, friso e cornija; no registo inferior, fresta rectangular; no registo superior, um único vão de arco redondo em cada face; pináculos piramidais nos ângulos.

Revestimento da fachada principal e das quatro faces da torre sineira com azulejos industriais de tapete. Fachadas laterais com embasamento revestido de granito, pilastras nos ângulos, três janelas de esbarro de cada lado colocadas acima da linha média, duas na nave e uma na capela-mor, cimalha com cornija de cantaria, pináculos piramidais sobre os ângulos, cruz sobre os vértices da empena; fachada Sul com escada de acesso à torre disposta longitudinalmente e com parapeito de grade de metal, porta travessa de verga e cornija direitas, corpo da sacristia com duas portas e duas janelas, rectangulares.

Interior com coro-alto de madeira, lambрил de azulejos de tapete industriais, púlpito do lado esquerdo com bacia de pedra sobre mísula decorada, escada de pedra e guarda simples de grade de madeira, quatro arcos retabulares, dois laterais, nos ângulos, e enquadrando o arco triunfal, e dois colaterais, diametralmente opostos, nos flancos, com pilastras e faces trabalhadas em almofadas: arco triunfal sobre pilastras com a face trabalhada em almofada e pedra de fecho saliente decorada com acanto. Retábulos de talha, branco e ouro. Pavimentos de madeira de Ipê. Coberturas internas de madeira: na nave, de secção poligonal e pintada em branco; na capela-mor, curva e pintada em azul.



O Restauro da Igreja promovido em 2009–2010

A igreja paroquial de Mansores vinha evidenciando há vários anos a necessidade de uma intervenção de restauro e de substituição de materiais e equipamentos. Entendeu-se que a ocasião exigia, não uma simples correcção superficial de alguns problemas, mas um restauro sério e profundo, o que se fez.

As imagens fotográficas aqui reproduzidas ilustram as principais intervenções realizadas. Além do que essas imagens atestam, e sem pretender identificar aqui todas as fases e aspectos deste restauro, apresentamos alguns dos mais significantes:

- Embasamento de granito de todo o perímetro exterior em que tal não existia, nomeadamente na sacristia, onde também se acrescentaram pilastras nos ângulos e cornijas, de modo a melhor integrar o seu aspecto no resto do templo.
- Aplicação de um vitral representando Santa Cristina na janela do coro e de uma imagem de granito da padroeira no nicho da fachada principal.
- Instalação de um relógio e de um segundo sino na torre.
- Renovação da cobertura através de: substituição de todo o telhado e da cobertura interna da nave; aplicação de tela aluminizada; e reforço estrutural da cobertura.
- Substituição da cruz da torre e dos corrimões das escadas de acesso à torre.
- Recuperação e pintura interna e externa de paredes, portas e janelas.
- Alteração estrutural e funcional da capela-mor, que fica reservada a espaço de presidência das celebrações, tendo-se instalado nova mesa do altar, de granito, e reposicionado a mesa do altar do Santíssimo Sacramento na localização original.
- Reposição do Sacrário original.
- Reposição do piso da nave no nível original e substituição de todo o piso.
- Restauro profundo de todos os altares, imagens de santos, ambão, tela do altar-mor e tocheiros.
- Instalação eléctrica e de som interno e externo.



Imagens de Nossa Senhora de Fátima e de Santa Cristina



Mesa do Altar

D. João Lavrador
na celebração de dedicação
do altar, a 12 de Junho de 2010.

- Substituição do guarda-vento.
- Reparação dos 26 bancos existentes e execução de 4 novos bancos.
- Renovação e colocação de novos móveis nas sacristias.

As obras iniciaram-se em 2009 e concluíram-se no início de Junho de 2010.

A igreja foi reaberta ao público no dia 6 de Junho de 2010, por ocasião da festa de Santa Quitéria e da celebração das comunhões das crianças e adolescentes. Em 12 de Junho desse ano, D. João Lavrador, bispo auxiliar da diocese do Porto, presidiu à missa de dedicação do altar. A cerimónia foi concelebrada pelo pároco, P.e Manuel Moreira Henriques, e pelo nosso conterrâneo P.e Victor Portugal.

A coordenação das obras de restauro foi assumida pelo Grupo Dinamizador das Obras de Restauro 2009-2010, formado pelos seguintes membros da nossa paróquia: P.e Manuel Moreira Henriques, Alfredo Gomes Araújo, Amaro Portugal Martins, António Moreira Portugal, Arminda Portugal da Silva, Artur Moreira Castro Portugal, Júlio Leite Araújo, Luís da Conceição Fernandes, Manuel da Silva Almeida, Maria de Fátima Castro Portugal Reis, Maria Helena Duarte Cabral Oliveira, Maria Helena Lima Cabral, Mário de Bastos Reis Portugal, Nelson da Conceição Rocha e Paulo Jesus Ferreira.

O restauro foi possível graças à colaboração de toda a paróquia, dos mansorenses residentes noutras localidades de Portugal e emigrantes e de várias outras pessoas e instituições que, seja com donativos, seja com o seu envolvimento pessoal neste empreendimento, garantiram o seu cumprimento.



Esta intervenção teve um custo total de 139.875,70 euros. Apresenta-se em seguida o total das receitas, agregadas por tipo de proveniência, descriminando-se as receitas resultantes do peditório feito em cada lugar e da oferta do Grupo de Jovens.

Receitas	
Peditório na freguesia	57.455,00 €
Brasil	32.720,00 €
Fábrica da Igreja de Mansores	14.056,00 €
Estados unidos da América	11.976,40 €
Valor de bens oferecidos	7.488,00 €
Peditório para restauro dos santos	7.060,00 €
Mansorenses residentes fora da freguesia	5.415,00 €
Irmandade do Sagrado Coração de Jesus	1.320,00 €
Venda das traves em castanho	730,00 €
Oferta da comissão de festas santa Quitéria 2010	714,00 €
Junta de Freguesia de Mansores	500,00 €
Outras receitas	441,30 €
Total das receitas	139.875,70 €

Receitas por lugar	
Agras	6.900,00 €
Avitureira	3.060,00 €
Bouça	4.460,00 €
Casal	3.620,00 €
Costa	870,00 €
Espinheiro	4.945,00 €
Estrada	14.985,00 €
Juncido, Crasto e Boavista	4.345,00 €
Mata	1.075,00 €
Pias, Concha, Moita e Vale	1.920,00 €
Ribeira	4.465,00 €
Serra da vila	2.735,00 €
Vila	4.075,00 €
Total	57.455,00 €

Jovens de Mansores (oferta para restauro dos Santos)	1.150,00 €
--	------------



A Igreja Paroquial de Mansores

Apresentam-se algumas imagens fotográficas da nossa igreja paroquial. Em primeiro lugar, imagens da igreja em data anterior ao restauro; depois imagens do templo durante as obras de restauro; e por fim imagens da igreja tal qual ficou após ser restaurada.

As fotografias aqui reproduzidas ilustram as principais intervenções realizadas. Sem pretender identificar todas as fases e aspectos deste restauro, apresentamos alguns dos mais significantes.



Procissão no adro da Igreja, com a antiga residência paroquial ao fundo. Meados do século XX



Antes do Restauro...







Durante o Restauro













Após o Restauro













Imagem de Santa Cristina
representada na janela
do coro. Vitral.



Santa Cristina, a padroeira de Mansores



Imagem de Santa Cristina conservada no altar-mor (antes de restaurada). Madeira.

O orago da paróquia de Mansores é, desde as origens, Santa Cristina, cuja festa se celebra a 24 de Julho. Na igreja paroquial existem três imagens da padroeira: uma em madeira, no interior, uma em granito, no nicho da fachada principal, e uma outra representada no vitral dessa mesma fachada.

Santa Cristina, conhecida como santa Cristina de Bolsena, é, segundo a tradição, uma mártir romana martirizada em Tur, na região do Lago Bolsena, na Toscana, Itália, no ano 300, no tempo das perseguições do Imperador Diocleciano. A sua hagiografia tradicional está construída sobre uma lenda e não se lhe pode atribuir valor histórico. Por essa razão, com a reforma do calendário litúrgico de 1969, o seu culto foi excluído do calendário universal e limita-se aos calendários locais.

Santa Cristina é a padroeira da cidade de Palermo, na Itália, dos marinheiros, dos terapeutas e dos nutricionistas. Na arte litúrgica da Igreja é representada segurando uma ou mais flechas, ou com o corpo atravessado por várias flechas, ou ainda segurando um roda de moinho ou uma pinça, e com a palma do martírio numa das mãos. Nas imagens da paróquia de Mansores, segura a palma do martírio na mão direita e um livro aberto na esquerda.

Segundo a hagiografia, Cristina pertencia à família Romana Anicci. Viveu no século terceiro, tendo sido martirizada cerca do ano 300. Nasceu em Tur, junto ao lago de Bolsena; seu pai chamava-se Urbano e era governador romano da região. Desde muito pequena, conviveu com mulheres cristãs que lhe transmitiram a fé cristã. À medida que crescia, ia vivendo a fé cristã e distribuindo dádivas aos pobres. Ao mesmo tempo, aproveitava para ir partindo as muitas estátuas de deuses pagãos que o pai tinha espalhadas pela casa. O pai, pensando que ela fazia isso por brincadeira, não lhe dava importância. A certa altura, Cristina mandou fundir todos os ídolos de prata e ouro que seus pais tinham em casa.

O Pai mandou prendê-la para a martirizar, até que renegasse a fé cristã e oferecesse sacrifícios aos deuses romanos. Primeiro, foi despida e flagelada pelos escravos do pai. Posteriormente,

foi amarrada a uma roda que, miraculosamente, se partiu, matando os carrascos. Ainda não satisfeitos, ataram-lhe uma mó ao pescoço, fizeram-na entrar numa barca, lançando-a no lago Bolsena para que se afundasse, mas ela, uma vez mais, sobreviveu miraculosamente, agarrando-se à mó que, em vez de se afundar, flutuou como uma bóia de salvação.

Entretanto, por castigo divino, o pai morreu. Mas a perseguição continuou e foi ainda maior. Meteram-na numa caldeira de óleo a ferver, depois numa fornalha onde ficou cinco dias. Mas Cristina sobrevivia a todas estas torturas. Acusada pelos sacerdotes pagãos de praticar feitiçaria, foi levada em frente à estátua do deus Apolo no templo. Confiante na força da fé, ela ordenou à estátua que descesse do pedestal e caminhasse quinze passos para fora do templo, e a estátua obedeceu.

Fizeram-na ingerir veneno, e foi atirada para junto de cobras venenosas, que em vez de a picarem, apenas se enrolaram nos seus pés. Quando um sacerdote tentou forçar uma delas a picá-la, a cobra virou-se para ele e matou-o.

Depois, foram-lhe arrancados os seios e cortada a língua, o que não a impediu de falar e, atirando-a aos olhos do juiz, este imediatamente ficou cego. Finalmente, por ordem do juiz, ela foi amarrada a um poste, e atiraram várias flechas contra seu corpo. As flechas atiradas contra ela viravam-se contra os arqueiros, furando-lhes a garganta. Contudo, algumas das flechas atingiram-na, levando-a a morrer da hemorragia. As suas relíquias foram levadas para Palermo, onde hoje se veneram.

Segundo a lenda, Santa Cristina suportou todos estes suplícios e morreu com apenas doze anos de idade.



Imagem de Santa Cristina conservada no nicho da fachada principal. Granito.



P.e Manuel António Fernandes acompanhando crianças da paróquia (meninos da comunhão solene e anjinhas) em frente à Igreja. Anos 50 do século XX.



A comunidade e a Igreja de Santa Cristina de Mansores têm origens medievais. A igreja paroquial é o centro da vida comunitária, local de encontro e de celebração dos sacramentos e da vida. Noutros tempos foi, inclusive, lugar de sepultura dos mortos. O actual templo, de idade secular, foi restaurado e alterado por diversas ocasiões, a última delas nos anos de 2009 e 2010. Este pequeno livro regista a memória escrita e fotográfica deste último restauro.